



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVOLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL DE05582008GRC



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913

14 de Março de 2009 • Ano LXVI • N.º 1696
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@lol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239

Escutar Jesus

EIS-NOS de novo em pleno tempo da Quaresma. Em tempos idos a marca penitencial que tanto caracterizava esta quadra litúrgica obnubilava a tonalidade nupcial para a qual aponta, como em tempa algum da liturgia: a Páscoa. De facto, a quaresma entendida num contexto de Aliança antecipa o perfume da Páscoa e o esforço da conversão torna-se bálsamo reconfortante para as feridas do pecado. Parece-nos já ouvir ao longe o canto do Precónio-Pascal: Ó Feliz culpa...

Enquanto não chegamos à contemplação definitiva do Mistério, não nos resta senão seguir os sinais que a ele conduzem. A Quaresma é um tempo litúrgico cheio de sinais, que se exprimem de forma rica e variada: O deserto e a fonte, a água e a sede, a luz e as trevas, a noite e o dia. Tudo apanta para a novidade cujo o horizonte é o do Tabor.

Subir ao Monte e experimentar, por entre sombras e nuvens, a densidade do Mistério... Eis a Quaresma!

Escutar Jesus! Eis o segredo da Quaresma; voltar a escutar Jesus, o seu grande objectivo. Escutá-LO no silêncio do nosso coração, na Palavra que o pode curar e impedir que continue a respirar pelas suas feridas...

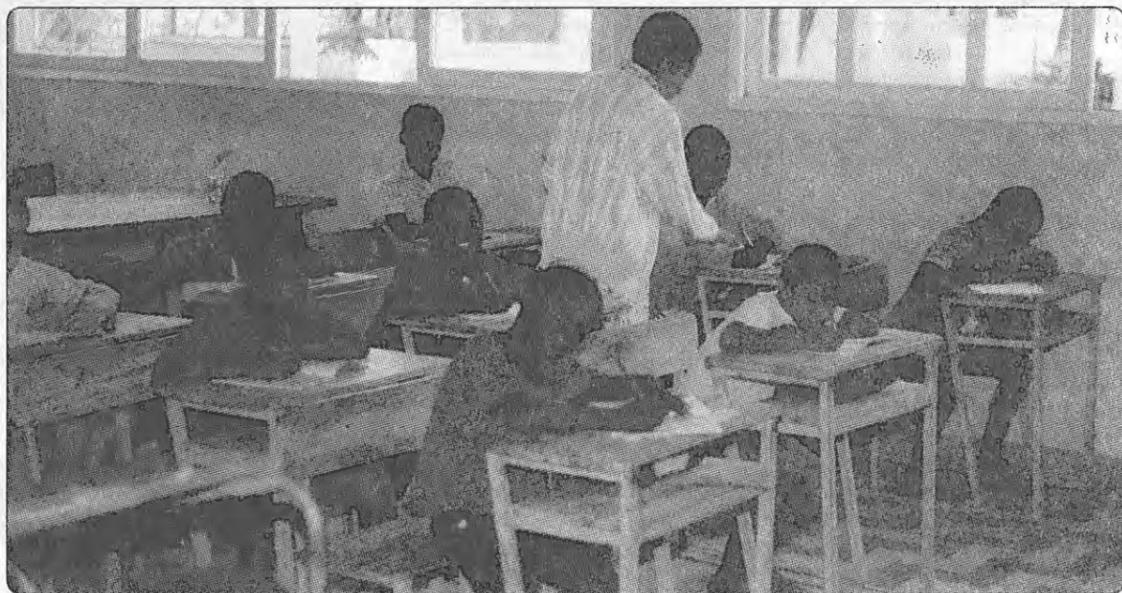
Escutar Jesus no olhar de uma criança, na dependência de um enfermo, no debilidade de um idoso. Escutar Jesus na multidão de desempregados, de famintos de pão de paz de amor e de abrigo e não deixar de sonhar em plena quaresma com uma Páscoa florida e perfumada.

São abundantes as propostas da Igreja, das nossos bispos. É que o Senhor esconde-se para que a milagre dos pães também seja da nossa conta. Ele que tudo pode quer precisar de nós para que a Criação não seja fruto de um monólogo mas de um diálogo amoroso entre Pai e filhos.

Escutar Jesus, entretanto, no Seu caminho de dor e sacrifício, na oferta generosa da Sua vida transformada em Alimento Salvador para que «todas tenham Vida e a tenham em abundância».

Escutar o Filho Bem-Amado no qual Pai se compraz, para que o Mundo, a Humanidade, regresse, enfim, à paz primordial querida e amada por Deus; àquele entardecer em que o Homem já se não esconde de Deus mas «ambos» se deleitam na beleza da criação eterna que é Cristo Jesus o Novo Adão com que todos sonhamos.

Padre João



BENGUELA

Frutos da revolução do amor

ANTES de sentar-me à mesa para escrever estas notas, meus olhos poisaram nas linhas programáticas: «Reparte o teu pão com o faminto, dá pousada aos pobres sem abrigo, leva roupa ao que não tem que vestir e não voltes as costas ao teu semelhante». Numa linguagem simples e directa está o programa dum pessoa boa, justa, de coração que ama até ao fim. Digo mais, é o programa da Quaresma para os crentes e o programa de vida para todos. Quem dera!

Na lei tudo é importante, pode

dizer-se; mas não serve para nada, se o preceito da justiça e do amor fraterno não se cumpre. Sem o amor ao próximo, sem obras, ainda que haja muitas e boas palavras, não existe possibilidade dum autêntico espírito humano e religioso. A caridade fraterna, de mãos dadas com a justiça, vale por todos os regulamentos.

Cruzei-me, há momentos, com um grupo de mães que me diziam, com as mãos poisadas sobre o estômago: «Temos fome». Vamos abrir os sacos de farinha de milho, colhido no campo. São todos para elas e para eles. Bem sabemos

que não chegam para lhes matar a fome, todos os dias. Faremos o que pudermos. Agarram as nossas mãos e voltamo-nos para vós. É verdade. Vemo-nos cercados por uma multidão de gente que ama a Casa do Gaiato e espera viver de pé, graças ao seu amor.

A propósito, à hora do almoço, quando estávamos sentados à mesa, o grande responsável pela nossa agricultura diz-nos que um tractor é urgente para o serviço do campo. E é verdade. Seria uma ajuda para tratar na raiz o grave problema da fome. Sabemos onde está o tractor. Não temos, porém, outra força, além duma grande vontade, para o comprar e trazer. Entretanto, esperamos, confiantes. Estou a lembrar-me daquele empresário, agora doente, que nos ajudou muito, ao longo da história da Casa do Gaiato. Que

Continua na página 3

MOÇAMBIQUE

A nossa vida é um desce e sobe saudável

O que acontece no dia a dia e vai passando para nós como num ecrã, afigura-se, por vezes, a nuvens de tempestade. Acredito que estamos num tempo de mudança, onde só o que é justo, verdadeiro e bom como sinal de Deus, há-de prevalecer. As desigualdades sociais, publicitadas à saciedade, o galopante enriquecimento protegido por fraudes fiscais, o abuso dos dinheiros públicos e, até, das instituições vocacionadas para a segurança do povo trabalhador, o proteccionismo elitista, fazem-nos

pensar numa sociedade desgovernada e em desequilíbrio a desabar sobre os mais fracos. Ou antes, num momento tão propalado de revolução agrária, como salvadora da miséria humilhante, o Povo não tem em quem acreditar senão em si mesmo e voltar a costumes ancestrais, às vezes, até os mais aberrantes para a nossa mentalidade.

É, com certeza, a maneira mais eficaz para escapar à crise dos valores modernos, onde o dinheiro se tornou a divindade protectora. Já li que o único que não será

afectado é um Povo do Mali que ainda vive no período da pedra lascada. É ridicularizar a inteligência e a cultura moderna. Será só? Sempre houve uma tendência para voltar às origens. São Francisco de Assis foi um radical, ao despir-se completamente, diante de seu pai, que reclamava o nível de vida que lhe dava. Foi assim com Pai Américo, inquieto com a riqueza que via acumular-se nas suas mãos, perante a pobreza degradante em Moçambique e em Portugal. É penoso, hoje, aqui, ler os jornais.

Quando por nossa Casa as coisas não caminham no sentido da responsabilidade ou há desvios de comportamento e nos angustiamos profundamente, há que apelar às forças espirituais, pela oração mais intensa e remoçar a nossa entrega confiante para que Deus não nos desampare e aos Rapazes ilumine, fazendo força das fraquezas e transformando as crises em experiência rica para o crescimento, alicerçando mais fortemente o futuro de cada um.

Afinal a nossa vida é um desce e sobe saudável e o que de mau nos chega de fora é lição sempre aproveitada, porque estamos a criar jovens para um mundo melhor que tarda, mas há-de ser construído dentro deles, por eles e para eles, com a lição da vida bem aprendida.

Por isso, é violenta a necessidade de educar com firmeza para o amanhã.

Entretanto, falta-nos a tranquilidade para admirar a poesia da vida em Casa, como o fez Malangatana quando nos visitou há dias com o novo Presidente da Academia do Bacalhau, mais o notável cantor moçambicano Stuart Sucuma. Este desenhou uma guitarra meio submersa e escreveu no nosso livro de honra: «A Casa do Gaiato continua sendo uma ILHA». Malangatana alongou-se mais «... porque na Casa do Gaiato entramos de mãos vazias e aos poucos as mãos, o corpo e a alma se vão alimentando de amizade e de amor, amor para saber amar outros e outros tantos».

Padre José Maria

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

PARTILHA — Da Aldeia da Ponte chegaram 100€ com a nota de que “é pouco, mas é de boa vontade”. De Rio de Mouro, de “uma amiga que não nos esquece”, veio um cheque de 50€ para nos ajudar “um pouco nas preocupações monetárias porque está tudo caríssimo, infelizmente...”. Da Maria Gabriela, de Torres Vedras, chegaram 30€ “para ajudar os medicamentos dos velhinhos”, também aqui com a “desculpa” de “ser mais pequenino”, por estar aposentada e ter um sobrinho a seu cargo. Da Maria Teresa, de Lisboa, veio uma “migalha” dada “com o coração”, a pretexto de um caso que leu n’O GAIATO. Para esse e outros casos, estas “migalhas” serão multiplicadas por dar muitas mais. Do José M. Carneiro, de Barcarena, recebemos 100€ “para ajuda dos mais necessitados”. Da Lurdes, do Cacém, a presença que não falha, com os seus habituais “pósinhos para os mais pequeninos”. Do José Miranda, de Lisboa, chegamos o que deu para além do pagamento da assinatura d’O GAIATO. A mesma coisa da Sofia Morgado, do Porto e da Maria Carreno, de Minde. Temos também nota dos seguintes donativos: 30€ da Maria A. Ribeiro, de Godim; um cheque de 20€ do assinante 79505, de Ourique; um vale de 10€, com carimbo de correio de Avintes; 20€ da Isaura, de Abrantes; 25€ do assinante 67569, de Alfândega da Fé; 20€ do assinante 6000, de Vilar do Andorinho; 50€ do assinante 66431, de Lisboa; 20€ do assinante 74343, de Castelo Branco; 350€ do assinante 33337, do Cacém; 150€ do assinante 39429, de Escapães; 100€ do assinante 40576, da Ventosa; 100€ do assinante 57002, da Senhora da Hora; 125€ do assinante 31166, da Maia; 40€ do assinante 41712, de Arrifana; 100€ do assinante 69847, de Tomar. Para terminar, por hoje, 200€ de alguém que tem feito depósitos num balcão do BCP, em S. Mamede.

Em nome dos Pobres, um muito obrigado a todos.

O nosso endereço: *Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa*

Américo Mendes

PAÇO DE SOUSA

DESPORTO — «Soma e segue». Tem sido este o lema do nosso Grupo Desportivo. Desta vez, recebemos os Juniores do Sport Clube Paivense, já apurados para a segunda fase da A. F. Aveiro. Não foi fácil chegar à vitória, já que se tratava de um «adversário» habituado à competição e aos grandes desafios de futebol.

Devido a algumas alterações, forçadas, no nosso esquema habitual, fizemos uma primeira parte, assim-assim. Talvez por isso, pagamos a factura e fomos para o intervalo a perder por 0-1. Para os segundos 45 minutos mudou-se o esquema táctico e tudo foi ligeiramente diferente. Logo aos cinco minutos, Rogério, de livre, faz um golão e com ele, o empate; pouco depois, Ilídio, numa bela jogada individual, o 2-1. E como *não há duas sem três* — diz o povo, Ricardo Sérgio, também numa jogada individual, foge ao «adversário» pelo lado esquerdo e de fora da área, faz um golo daqueles de se lhe tirar o chapéu. Dez minutos depois, o Paivense marca o seu segundo e último golo. Foi como quem chegou «fogo» aos nossos Rapazes. «Bonga», faz o 4-2 e André «Garnisé», fechou a contagem ao marcar o seu primeiro golo da época, e a fixar o resultado final em 5-2. Um jogo que fica para a história, quanto mais não seja, pela correcção como ele decorreu e toda a gente se entendeu às mil maravilhas. Aliás, só não se entende connosco, quem não quer...! E a prova disso mesmo, é que uma semana depois, recebemos os Juniores do Canedo Futebol Clube, também da A. F. Aveiro. Gente muito querida! Estavam encantados com a nossa Aldeia.

Comentavam entre eles: — *É grande e bonita!*

Com a satisfação deles, nós ficamos mais uma vez radiantes. Quiseram saber como tudo funcionava... foi-lhes explicado. À medida que a explicação era dada, aumentava o espanto e admiração de cada um deles. Razão tinha o nosso Padre Acílio: «Vamos pôr o balneário em ordem, já que o futebol cá em Casa, é um cartão-de-visita». Obrigado Padre Acílio. É isso mesmo!

Em relação ao jogo, não foi nada fácil. Eles sabiam, e disso têm obrigação... em trocar a «redondinha» entre si e jogar a bola como mandam as leis. Mas os nossos Rapazes não são «pecos», e deram trabalho que chegue. Rogério, voltou a marcar, e de novo um senhor golo. Está a atravessar um bom momento. Espero que não se envaideça e comece a pensar que é indispensável, como aconteceu com o Tô-Zé. Tanto o gabei, que estraguei tudo. Mas para grandes males grandes remédios. Todos temos que nos convencer que o nosso Grupo Desportivo tem que ser uma família, no seio da nossa Grande Família. Daí, o não se permitir falta de boas-maneiras seja com quem for. O respeito é muito lindo! Ficou de fora, e... vai ter que cuidar um pouco mais de si próprio... O 2-0 esteve a cargo do Abílio; e o 3-0, foi obtido cá do meio da rua, por Joel, que entrou na segunda metade do jogo. Assim ficou o resultado e melhor do que isso, foi, sem dúvida, a boa impressão que eles levaram de nós. Graças a Deus. Nem a nossa vitória, os fez mudar de ideias. Pelo contrário: «Muito obrigado pelo vosso convite». Disse o treinador deles, no fim do jogo. Nós é que agradecemos, a eles e a todos que nos visitam.

Alberto («Resende»)



SETÚBAL

RAPAZES NOVOS — Há dias recebemos um chamado Daniel. Quando chegou, chorava muito porque sentia falta da mãe. Ele tem quatro anos e é da Guiné. Agora, não chora porque já se habituou à nossa Casa. Veio também o Jodenelson, que tem cinco anos, e também é da Guiné. Ele habituou-se a nós logo que chegou. E, ainda, o Mamadu, que tem sete anos, e também é guineense. Ele no princípio comia pouco

porque não estava habituado, mas agora já come que se farta.

Esperamos que estes três rapazes gostem muito da Casa e de nós.

OBRAS — O sr. Paulo já terminou a nova casa-de-banho da casa 4, que está muito bonita. Os nossos rapazes devem utilizá-la e estimá-la muito bem. Agora já passou para a antiga casa-de-banho, para fazer dela uma sala.

POMARES — O «Lota» esteve a podar a nossa vinha na avenida, e vai começar a podar a vinha do nosso terreno, para que os ramos não

creçam muito, para que dêem boas uvas para nós comermos. Também o «Fernandinho» esteve a por adubo às nossas laranjeiras, para que elas dêem bom fruto. O «Lota» já podou os nossos pessegueiros e ameixeiros.

CASA 3 — O Sérgio foi buscar um vídeo de cassetes que estava na sala de estudo, para por os rapazes a verem filmes e a divertirem-se. Como as cassetes estão fora de moda, dão-nos algumas para nós vermos. São filmes de banda desenhada e alguns de acção e outros sobre Cristo.

Gonçalo Leite

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

CARNAVAL — Em tempos de crise, rir é o melhor remédio, por isso levamos a efeito um cortejo de Carnaval com prémios aliciantes para os melhores mascarados. O desfile foi realizado com a alegria e o entusiasmo próprios do evento, pois embora não havendo sambistas e carros alegóricos, em nada se ficou a dever em festa e animação aos melhores carnavais da região. Os reis da festa acabaram por ser as crianças já netas ou filhas dos antigos gaiatos, trajadas com muito bom gosto e os muitos adultos que também quiseram vir mascarados. Depois do cortejo passar pela entrada da Casa do Gaiato, dirigiu-se à rotunda de Sabedão, voltando a passar junto aos Bombeiros e sede da Associação onde o Presidente da Junta presidiu ao júri ajudado pelo Miguel «Peniche», que premiaram os mascarados mais originais, tendo ganho o «Quim Peroselo». Resta acrescentar, que o final da festa foi de arromba, pois o nosso associado Adriano Balduino Afonso esteve de serviço à cozinha e confeccionou uma

fejjoada de chorar por mais, que foi servida nas mesas do largo do Mosteiro de Paço de Sousa. Agradecemos aos associados que foram «multados» com o vinho e as sobremesas. Para o ano, é para repetir.

CAMPANHA DE NOVOS SÓCIOS — Continuamos a receber a bom ritmo, novas inscrições. Esta semana registamos António Moreira, de Penafiel; Albina Maria, de Paredes; Nuno Miguel, de Boelhe; Pedro «Cocas».

Agradecemos também a amabilidade de alguns sócios que estão já a efectuar o pagamento antecipado da cota para o ano de 2009.

Vem inscrever-te à nossa sede, ou contacta-nos pelos tels. 912163569 ou 917414417.

NOVAS ACTIVIDADES — Continuam abertas, as inscrições para aulas de desenho, pintura e guitarra clássica. Se tens gosto e vontade de ocupar os Sábados, vem até à sede e darás o tempo por bem empregue.

SEDE — Queremos que ela seja um ponto de encontro e sirva para estreitar os laços fraternos entre todos. Para concretizar este nosso desígnio, continuamos a melhorar as instalações tentando que sejam confortáveis para quem nos visita. Nas janelas coloca-

mos cortinas, a sala tem mais um sofá, resgatado no eco-centro municipal, pois ainda está em bom estado. Contamos com a ajuda dos nossos Amigos e Leitores d’O GAIATO para pôr a sede o mais funcional possível.

PASSEIO — Estamos a programar um passeio aberto a todos os antigos gaiatos e seus familiares. Das várias sugestões recebidas para locais a visitar, a preferência recai para a visita às Casas do Gaiato, nossas irmãs do centro e sul do país. O dia escolhido aponta para o fim de semana prolongado do dia 1 de Maio (sexta-feira). A seu tempo, daremos conta do programa completo, mas temos já escolhida uma visita obrigatória por Fátima, para rezar pela paz no mundo. Assinala já na tua agenda, o dia do passeio e inscreve-te na sede.

DONATIVOS — Recebemos algumas migalhas dos nossos amigos que serão empregues para equipar a biblioteca e o bar/cantina da Associação e ainda para dinamizar algumas actividades culturais e recreativas. Assim damos nota de um donativo de quarenta euros do associado n.º 2, para a ajuda da compra de um frigorífico e de um micro-ondas; anónimo cem euros; cinco euros do associado n.º 24; Carlos Ferreira, dez euros.

Maurício Mendes

Património dos Pobres

QUEM vou eu descobrir a rebocar a casa, da mãe e filha maltratadas, de que falei no último GAIATO?

Era uma tarde de sol quente, destas que o final de Fevereiro nos ofereceu depois de nos ter massacrado, sobretudo aos mais velhos, com um Inverno chuvoso de nunca mais acabar.

Gozando o doce calorzinho reconfortante, descia a íngreme calçada pensando encontrar na obra, toda a gente, menos aquele rapaz, que, se o pressentisse, me faria recuar.

Subidas metade das escadas e aberta a porta, deparei-me com o jovem agarrado ao trabalho, o qual, imediatamente parou e se me dirigiu descontraído e alegremente, estendendo os braços e com eles, a alma:

— Olha o senhor fulano por aqui!

— E tu, quem és? — Perguntei duvidosa e vibrantemente.

— Sou fulano!... Não me reconhece?

Há quanto tempo de costas voltadas e coração amargurado, suportando uma ferida que, imaginava, não estar curada!... E o rapaz, abriu-se-me como o Sol nascendo, num horizonte limpo!... Os olhos, retendo os meus, pediam-me mil vezes perdão, num movimento que gerava doçura e me alagava o ser!...

Tinha sido trágica a nossa separação. Um namoro cego e atrevido com uma adolescente apaixonada, obrigara-me a chamá-lo à atenção e pô-lo na ordem. O rapaz não entendeu, reagiu mal e ameaçou-me.

Vimos encontrar-nos, agora, a reparar a casa da ultrajada, passados mais de dez anos, nesta tarde

bendita! Que saboroso encontro! Como o Bem é reparador!

Com dois anos, num curso de radiologista, não aguentou a despesa e viu-se obrigado a interromper o estudo, durante um ano, para ganhar dinheiro trabalhando como estucador, a fim de continuar, no próximo ano, na Escola Pública, que tem notas para isso.

Como são os caminhos dos homens, onde Deus se cruza com eles a construir o Amor!?!... Como Lhe devo graças!... Este meu filho reatou, por completo, ali, naquela casa que ele melhorava, os laços de ternura que, dolorosamente, julguei desfeitos.

* * *

Levado pela aflição da Esposa de outro gaiato, fui com ela, até à casa de um jovem tetraplégico que lhe pedira ajuda para pagar o conserto de uma cadeira de rodas elétrica, que lhe haviam oferecido, estragada. E consertar uns anexos para onde teria que ir viver.

As coisas vêm-se sempre melhor ao pé. Cada vez que vamos, aferimos o acerto da nossa experiência.

Afinal, eu já conhecia o caso. Há anos comprara-lhe um colchão anti-escaras com motor o que lhe proporcionou a cura de dois buracos, nas nádegas.

Trata dele, uma senhora que se dói e lhe oferece o seu carinho e cuidado maternais.

Um exemplo admirável de abnegação e entrega!... Como se vê muito raramente.

A senhora tem-no na casa delas mas o rendimento não chega para pagar a prestação ao banco. Propunha então, vender o andar e compor uns anexos que o doente tinha num quintal, longe dali.

Não achei jeito nenhum ao projecto. A morada onde vivem é tão aconchegadinha. O seu quarto tem sol e vistas!...

Como poderá, agora, ir para uns anexos gelados no Inverno e tórridos no Verão; sem panorama nem amigos da sua idade, que lhe dão, ali, uma saborosíssima companhia e ajuda a virar-se na cama, a várias horas do dia, ao longo da semana?

— Não pode ser.

— Vá saber ao banco, quanto terá de entregar para a contribuição se tornar compatível com as vossas possibilidades.

E a senhora foi. É preciso entregar 23.000 euros. E é o que eu vou fazer.

Deixei-lhe 1.897,20 euros, para a referida cadeira e o montante atrás nomeado não vai demorar.

É um moço corpulento e grande! Tem 26 anos de idade. Está assim há oito anos. A história anterior não a indaguei. Vi que ele se prepara para fazer o nono ano e isso entusiasma-me! Luta pela vida!

Perguntei-lhe se o Pároco o visitava. Que uma vez por ano, pela Páscoa, como a toda a gente.

Fiz silêncio; mas, quando há noite, celebrava a Santa Missa, li no evangelho do dia, que os Fariseus e outro grupo, reclamavam a Jesus um sinal do alto e Ele não lho deu, o mutismo rebentou-me em comentário: — *Anda tanta gente à procura de sinais de Deus e não os vê; quando eles se encontram perto da sua casa... tão palpáveis! E contei aos ouvintes como O tinha sentido.*

Há hoje, tanta tarefa, dita apostólica que falha no essencial: — *Ele está e não O vêem. Procuram-no no alto!...*

A direcção postal do Património dos Pobres:

Lar do Gaiato
Trv.ª Padre Américo
3000-313 Coimbra.

Padre Acílio

Correspondência dos Leitores

A certeza da fé

«Pai Américo, inspirado por Deus, foi o Homem que jamais morrerá no coração dos que amam a Obra da Rua. Esta continuará, nos Padres de boa vontade, porque será sempre Obra querida por Deus.

Assinante 17660»

Diáspora

«Senhor Padre e todos os gaiatos, vimos desejar-vos um Natal cheio de alegria e doçuras. Que 2009 vos seja saudável e alegre. Que tudo o que desejam esteja presente ao longo das vossas vidas.

Eva, Carlos, Kevin e Léa — de França»

Desabafo de quem ama e confia

«Peço desculpa de vir um pouco atrasada para a minha contribuição, que todos os anos mando para essa magnífica Obra. Não é para pagar o Jornal O GAIATO, porque esse não tem preço.

É com muita emoção que leio todos os artigos, e deles tiro sempre grandes ensinamentos para a minha vida.

Neste momento estou a passar uma grande provação com o falecimento do meu marido, há quase dois meses.

Apesar de já ter 92 anos, não se contava com esta prenda. Foi um casamento que durou 65 anos.

Assinante 3642»

Inquietação sacerdotal

«Junto envio cheque para a Obra da Casa do Gaiato. Este dinheiro foi retirado do "beijar o Menino" no Natal p.p. Assim, entendemos que o beijo na imagem ganhará ainda mais sentido se se prolongar no carinho aos meninos da Obra da Rua.

Com os melhores cumprimentos e votos de cotinuada dedicação aos mais frágeis, as crianças, sempre com a bênção de Deus Pai, me subscrevo.

Póroco de Chaviões»

Nossas Edições

«Agradeço reconhecida o envio do livro referente ao Padre Américo. Eu e minha mãe, já falecida, tínhamos todos os seus livros que liamos com avidez. Os da minha

mãe, ofereci-os para a Biblioteca dos Bombeiros. Mais uma vez muito obrigado. Envio cheque, não é para pagar, pois o seu conteúdo não tem preço.

Assinante 6313»

Lembrada a intercessão de Pai Américo

«Que Pai Américo interceda junto de Jesus por todos vocês, para vos dar muita saúde e muito amor, para poderem ajudar aqueles que mais precisam.

Assinante 59581»

«Que Padre Américo interceda ao Pai para que haja sempre muitos e bons continuadores dessa grande Obra da rua.

Obrigada pelo vosso Jornal. Gosto muito de o ler e ainda o levo para o trabalho, para que outras pessoas possam conhecer melhor a vossa Obra.

Assinante 63238»

Correspondência de Família

Efeméride — 50 anos de gaiato

«Domingo, 8 de Fevereiro. Fazia 50 anos que entrei para a Casa do Gaiato. Era uma efeméride que merecia ser discretamente festejada mas vivamente saboreada.

Estava uma manhã chuvosa e enevoadada, contrastando com a luminosidade da minha alma, quando acompanhado da minha mulher e da nossa filha, família constituída há mais de 30 anos, subi emocionado a avenida, ainda deserta, da Casa do Gaiato, em Paço de Sousa. Com o coração inundado de gratidão, rumei à capela e recolhi-me por breves momentos junto à campa de Pai Américo. O simbolismo de lhe agradecer pessoalmente o cidadão que sou, continua a ser sempre um dever moral. Mas nesse dia chuvoso de Fevereiro tinha outro sabor. O tornar-me gaiato mudou decisivamente o rumo da minha vida. Uma drástica mudança, num rapaz traquina, franzino e de olhar vivo, que deixou o casebre em que vivia, na companhia de um velho casal de mendigos, numa "ilha" miserável das ruas do Porto. Ganhava o direito a sonhar a certeza de uma vida saudável, cortando o cordão umbilical com a miséria física e moral. E ganhei uma família. Uma família diferente de todas as outras, é verdade, mas uma família onde o carinho e o afecto são uma realidade. Uma família constituída por rapazes abandonados ou socialmente definidos como "os mais repelentes", como dizia Pai Américo, a quem o futuro não oferecia nada de bom. Uma família tão diferente, que ainda hoje confunde políticos e juristas que fazem e aplicam leis tontas, desconhecendo que o cerne da família é o amor e o afecto, sendo os laços de sangue um suporte demasiado frágil e muitas vezes fortuito para ser tornado lei. Ainda hoje, é com alguns gaiatos de então, a que trato por "mano", que tenho um convívio frequente e solidário e não com os irmãos de sangue (ainda que filhos da mesma mãe e cada um filho de seu pai) que me são desconhecidos emocionalmente.

Um passeio vagaroso pela Aldeia, com a comunidade ainda a despertar, sob a chuva miudinha que se associava à minha alegria, qual gotas de champanhe borbulhando, a rememorar os afectos e os factos mais relevantes de uma vida de 15 anos na Casa do Gaiato.

Hora da missa. Os rapazes vão chegando ao cruzeiro frente à Capela. Abraços e troca de memórias com outros gaiatos do meu tempo, que envelheceram como continuadores da Obra, confirmando o desejo do fundador: «Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes».

A Capela cheia. Mais que uma liturgia, a Missa sempre foi um acto comunitário, uma reunião de família, onde todos devíamos estar presentes. Um acto a que, como gaiato, participei despojado de constrangimentos. Apesar de agnóstico, aceitei o generoso convite para fazer a primeira leitura da Missa de Domingo. Um texto lindo e intemporal do livro de Job, muito a propósito, exigindo reflexão sobre o sentido da vida.

Terminada a Missa, um "até depois" e o regresso a Lisboa, com a alma mais limpa e o coração com um bater mais leve. E com a certeza que continuarei sempre gaiato e que defenderei com toda a lucidez e energia a Obra de Pai Américo, a minha família, dos seus detractores por melhores que sejam as suas ignotas intenções.

Manuel António ("Caneco")
Licenciado em Política Social
Gestor de Formação, na EDP»

Benguela

Continuação da página 1

o Pai do Céu lhe dê ânimo e a medicina a cura da sua doença grave. Estendeu-nos a suas mãos cheias com o amor que está no seu coração. Foi um momento providencial da nossa vida. Outras empresas, como tenho referido, estendem-nos as mãos, abrindo as suas portas para o primeiro emprego dos nossos rapazes, na idade de prepararem o salto para a sua autonomia. Mais três deles, nesta hora, estão à minha espera para tratar da documentação necessária.

Há tantas formas de pormos a nossa vida na linha do serviço e do amor! É o único caminho certo que nos leva à meta da plenitude. Só a experiência pode convencer-nos desta verdade. Experimentai, pois. É o essencial. Podemos fazer muitas coisas, mas se nos falta o essencial, podemos dizer que falhamos na nossa vida. O mais importante é amar e amar até ao fim. Está aqui a fonte da autêntica revolução, onde nasce o mundo novo: justo e cheio de paz. Olhai comigo para os pequeninos que «nasceram», há quinze dias, em nossa Casa. O mais novo tem 5 anos. Estamos a vê-lo a crescer, como a flor mais bonita do jardim, onde há espinhos também. São o fruto da revolução do amor.

Estamos na Quaresma. Tempo favorável à morte do nosso egoísmo, da nossa indiferença. Deixemo-nos abraçar pelo Amor do Pai, de tal modo que nos sintamos irmãos autênticos, com a ternura pelos mais fracos que esperam tudo de cada um de nós.

Padre Manuel António

Tiragem média
d'O GAIATO, por edição,
no mês de Fevereiro,
49.300 exemplares

SETÚBAL

Somos semeadores

TENHO admiração por aqueles grandes homens espirituais da Idade Média, do seu escondimento por detrás das palavras que compunham, pedras preciosas esculpidas pela sua experiência de vida.

Este escondimento, que com toda a certeza lhes deixava uma grande alegria e satisfação interior, nenhuma espécie de vaidade lhes podia roubar. Era a aplicação à letra do conselho evangélico de que *não saiba a tua esquerda o que faz a mão direita*.

No entanto sabemos que isto é impossível. Num mesmo corpo, todos os membros sabem o que fazem os outros. Esta ignorância refere-se sim à inteira liberdade com que age cada um dos membros. O bem feito pela mão direita é realizado sem ter no pensamento a existência da esquerda. O bem faz-se porque é um bem; por isso se alegra o membro que o faz, o que dele beneficia e todos os que se agradam com ele.

Também por isso *não se acende a candeia para a colocar debaixo do alqueire, mas sim em cima do velador, e assim alumia a todos os que estão em casa*; e todos se alegram com a luz, que é o maior bem.

O escondimento de que venho falando, não é contudo procura, mas é o estado de espírito de alguém que age em total liberdade tendo em vista uma realização: semear o bem. O bem que, em si mesmo, não tem qualquer participação na vaidade.

A sementeira normalmente faz-se rente à terra, mas no caso de grandes extensões, pode-se também fazer a partir do ar, de um pequeno avião. Assim, é mais visível, não porém para que o seja, mas para que se obtenha um rendimento maior. Por vezes, também assim acontece na sementeira do bem.

Este escondimento e esta visibilidade, andam portanto a par, e mergulhadas num verdadeiro espírito de liberdade.

Nós também somos semeadores, e só o bem nos dá alegria em semear.

Pensamos em Pai Américo, e vendo a grande sementeira que fez e em tão pouco tempo, foi como aquele que semeia pelo ar, para mais depressa cumprir a sua missão.

Nós lançamo-la mais rentes à terra, mas de uma forma ou doutra, é trabalho de uma mesma Obra.

Padre Júlio

MALANJE

«Segue em frente, Eu estou contigo»

QUANDO me sento no refeitório e contemplo cada um dos 111 gaiatos, o olhar vai sempre para a mesa do Jo, Menilson, Jojo, Tony e, depois, para a do Tilson, Avôsinho, André, Bataca, e assim uma atrás da outra até me perder num sem fim de pensamentos, desejos, interrogações, detalhes, medos, esperanças, brincadeiras... E não posso, pelo menos, perguntar-me porque o Senhor da História quis que eles me vissem como um pai. Um pai vindo de 6000 quilómetros, de outra cultura, de outra língua, de outro mundo poderia dizer, e, em seguida, compreendo que assim o quis Ele. Porque de nossas fraquezas faz Suas forças, das nossas perguntas Suas respostas, de nosos meios Sua esperança, de nossas agonias Sua ressurreição...

Durante a hora do pequeno-almoço chega uma das nossas trabalhadoras a dizer que seu filho de ano e meio tinha morrido. Nosso coração começa a chorar, mas nossos olhos olham compassivos aquela dor que não podemos tapar. E escutar uma mãe, seguramente destroçada: «Já é o segundo filho que me morre, todo é morte e morte». E nós não podemos fazer outra coisa senão dar-lhe um pouco de dinheiro para que prepare o enterro... Tudo é vida, tudo é morte com a mesma força que brota tudo murcha. E fico-me pensativo perguntando se em alguma região desta África o Senhor da Vida também terá reservado um lugar para a ressurreição.

Quando vou para uma cidade como Luanda, que começa a ultrapassar a Europa em tecnologia. Quando vejo o carro que tenho e me envergonho de dizer o seu nome. Quando vejo que cidades como esta estão rodeadas de água apodrecida, casas de chapa, crianças nuas na rua. Quando me anunciam que vão retirar aquela comunidade de Irmãs que estão no meio do sofrimento. Quando milhares de jovens deambulam pelas ruas vendendo qualquer coisa para sobreviver. Quando estamos num meio destes e nos preocupamos com insignificâncias. Sempre ouço a mesma frase dentro de mim: «Vai em frente, Eu estou contigo». Quando ouço esta frase, em primeiro lugar, o meu coração vai para Jesus, depois para cada um de vós — melhor, nós estamos convosco de cada vez que vocês lêem este jornal.

Quando conseguimos que nos vejas, nos escutes, nos sintas... nesse pequeno espaço de tempo que vos roubamos como o fazem os meninos. É nesse momento que nós escutamos de vós: «Segue em frente, nós estamos contigo». Escuto-o eu e cada um dos que aqui estamos. E nos sentimos felizes, porque sabemos que não estamos sós, que nunca o estaremos e que tampouco tu estarás.

«Segue em frente, Eu estou contigo».

Padre Rafael

«Desdobrar em fraternidade humana a nossa filiação divina»

PORQUE continuo reflectindo a homilia do nosso Bispo no *Dia Mundial da Paz*, retomo o título, tão expressivo e insinuante que me parece de mantê-lo neste «olhar a globalização também no seu significado espiritual e moral». Quem dera que fosse por aqui que começasse, e sempre em atenção a este aspecto, prosseguisse e fenómeno da globalização em ordem à Justiça Global — «projecto divino que nos quer como única família humana, fraterna e corresponsável»!

Este ponto 2 da homilia «segue Bento XVI ao considerar a pobreza mundial e suas causas». Analisando-as, quase todas cabem na classificação de atentados que os poderes do mundo provocam ou consentem contra a Natureza; e pressionam os homens e lhes dificultam a fidelidade à Lei Natural. E o Papa concretiza algumas: «No âmbito demográfico, as campanhas de redução de natalidade e o consequente envelhecimento das nações.

No das pandemias, as faltas de prevenção e a desigualdade de acesso aos remédios que os faz inatingíveis para os mais pobres — assim cada vez mais pobres.

A ausência de políticas sérias de promoção e estabilidade das Famílias e a consequente incidência sobre as crianças, particularmente carentes quanto ao sustento, à educação, à saúde — o que às Famílias cabe providenciar.

A crise alimentar resultante de desertificações consentidas ou por

causa de migrações. Mas neste âmbito o cerne do problema não está na insuficiência dos produtos mas nas diferenças de acessibilidade aos mesmos.

O desvio para políticas de armamento de recursos gigantescos que deveriam ser orientados à economia e progresso de populações inteiras»...

E a mensagem papal conclui esta enumeração com o enunciado de medidas urgentes de reposição da Justiça, tão diferentes da justiça que o mundo pensa e pratica, e que postulam uma verdadeira conversão nas áreas: do comércio internacional; dos mercados financeiros; da cooperação internacional que invista sobretudo em formação que capacite para a criação de rendimento. (Infelizmente tornámo-nos uma civilização produtora de lixo e pagamo-lo caro — parece ironia: tanto como o bem essencial que é a água!) Em suma, «é necessária uma globalização que atenda aos interesses de todos em verdadeira 'solidariedade global'».

Este ponto 2 da homilia termina com um apelo ao Homem para que prevaleçam em sua consciência as normas «indicadas na Lei Natural e nela inscritas»: «A luta contra a pobreza precisa de homens e de mulheres que vivam profundamente a fraternidade e sejam capazes de acompanhar as pessoas, famílias e comunidades por percursos de autêntico progresso humano».

É assim, na verdade! De teorias e sistemas e regimes... há que che-

gue. Falta o Homem que Deus pensou e quer, presente, vivo em cada homem e em cada mulher.

* * *

Ao olhar esta doutrina tendo por fundo a realidade portuguesa (são os pontos 3 e 4, finais da homilia), «constata-se que a 'pobreza na nossa sociedade não é uma fatalidade', mas fruto da injusta repartição do que se alcança» e consequente «desigualdade de oportunidades no acesso a bens essenciais e a serviços básicos de saúde, educação, habitação e segurança». (...) «Na verdade, a luta pela erradicação da pobreza releva de uma opção colectiva acerca da sociedade em que desejamos viver».

«Uma sociedade de todos, para todos (...) só através de uma maior participação dos Pobres na concretização das medidas e projectos que lhes são dirigidos, se podem encontrar as respostas mais eficientes».

Eis, afinal, a forma que o Evangelho inspirou a Pai Américo para os seus rapazes — «Obra deles, para eles, por eles» — alargada à Sociedade maior para um resultado pedagógico que, mercê do espírito de comunhão por ela significado, só por esta comunhão efectivamente vivida por cada um, nos pode tornar uma Nação justa, melhor formada, com certeza mais feliz.

Padre Carlos

PÃO DE VIDA

Frágil

O nosso Deus nunca deixa de comunicar; pois, é comunhão. Este desejo ficou impresso no íntimo do ser humano.

Frágil é rótulo obrigatório, em embalagens de produtos quebradiços. No cosmos, o corpo humano é um misto de grande complexidade biológica e fragilidade. Foi criado com Graça e para a graça. Tirado da terra, é quase divino.

A geração digital dispõe de um potencial extraordinário, com riscos e fragilidades, para partilhar o valor, incalculável, da pessoa humana.

Bem lavado e radiante, de manhãzinha, pronto para o leite a fumar, um dos Diogos gabou-se: «Hoje, não fiz chichi na cama!». Na verdade, quando foi recebido, nesta família, trazia esse deslize, no qual tem feito progressos. Porém, quer desaparecer de outro Diogo, na enurese. Antes de reclinar a cabeça e subir os degraus da casa-mãe, não resiste à fonte, que jorra, puríssima.

Em algumas ocasiões, não diz, mas, deixa-se andar borrado, com vossa licença... Quando se sente o cheiro, não vá espantar alguém, retira a roupa e toma banho. A

senhora, com desvelo, põe-no debaixo do chuveiro e todo ele se ri! Pressente-se, como todo o ser humano e em especial os pequenos, que gosta da proximidade e do afago materno; que, no seu caso, outrora era incipiente. Tem 8 anos e faz caminho, com quedas; afinal, como cada um de nós, na estrada da vida.

Disseram-nos, antes, que não se sabia vestir. Entretanto, vai aumentando a velocidade e, neste aspecto, já está autónomo. Até na chegada à sala de jantar, quando o Sol espregueia e ilumina as hélices, eólicas, na barreira montanhosa.

O pezito, esquerdo, chinela, a cada passo, porque é boto. E ele, por isso, não simpatiza com o calçado de cordões. A moda é não apertá-los. Todavia, é daqueles filhos que, mais vezes, reclama uma bola para dar larguezas aos pés, nos nossos airoso campos de futebol, tão necessários no seu crescimento.

Como se isto não bastasse, há dias, passou uma madrugada, fria, a receber, carinhosamente, um tratamento respiratório, no Pediátrico de Coimbra.

Mais, chegou com relatório por-menorizado e prescrição diária de medicamento não participativo.

Este rapazito é um mano, frágil, do benjamim da Família. No pedido, urgente, que nos fizeram, teriam de vir os dois irmãos. A fragilidade do seu corpo não foi obstáculo, para encontrar o nosso lar, sonhado para Pobres; bem, pelo contrário. É mais um sinal, entre nós, do Amor divino. E vai crescendo a beleza da prole.

Por estes dias, sabiamente, a mãe Igreja chamou à atenção, especial, para as crianças, criaturas mais frágeis e indefesas; e, entre elas, as crianças enfermas e sofredoras.

Em plena II Guerra Mundial, na nossa Igreja, apareceu uma singela folha, impressa em caracteres de chumbo, para defender os fracos, na esteira paulina: «quando sou fraco, então é que sou forte» (2 Cor 12,10). É uma voz simples que procura afirmar a bondade do Senhor pelos mais frágeis.

Quem não quer a ternura do Pai de misericórdia e ser tocado e curado pela mão estendida de Jesus?!

Padre Manuel Mendes

PENSAMENTO

Quando as obras sociais entram no sangue do Povo tornam-se males difíceis de curar.

PAI AMÉRICO